

Conclusão

Aí está a razão pela qual as velhas cidades, que, não sendo a princípio senão pequenos povoados, tornaram-se com o correr do tempo grandes cidades, são comumente tão mal alinhadas, quando são comparadas com as praças regulares que um engenheiro desenha conforme a fantasia numa planície.

RENÉ DESCARTES, *Discurso sobre o método*

Encerrar um trabalho de dois anos não é tarefa das mais simples. À sensação de conforto e do dever cumprido, pela finalização da tarefa a que me propus executar, se agrega o desejo de dar continuidade à busca por novas indagações intelectuais, inseridas na mesma temática ou em campos diferenciados. Da mesma forma, à pergunta inicial fomentadora deste trabalho, “Como e por que uma pequena cidade serrana traduziu, de forma pungente, os anseios de cosmopolitismo e de modernização para um grupo social restrito, em um determinado contexto histórico, político e social?”, naturalmente agregaram-se muitas outras, após meses refletindo e pesquisando sobre a “invenção”, tão peculiar, de Petrópolis.

A pesquisa nas fontes primárias também promoveu interessantes descobertas. A princípio, voltei-me às narrativas dos meios impressos da cidade, ainda no período monárquico, e de escritores renomados que escreveram sobre Petrópolis na imprensa do Rio, como também ao conteúdo editorial dos jornais *Gazeta de Petropolis* (1898-1902), *Gazeta Fluminense* (1905) e *Tribuna de Petropolis* (1902-1906) e da revista *Verão em Petropolis* (1903), com vistas a corroborar a percepção – prévia à leitura desses textos – de que a subida da serra, para a temporada de verão em Petrópolis, fora transformada em movimentação simbólica de cunho elitista em períodos políticos distintos da nação.

Por essa razão, adotei para fins de delimitação do *corpus* da pesquisa nas fontes primárias as edições de dezembro dos jornais (bem como a edição única da revista em comemoração ao verão de 1902), visto ser este o mês em que os editorialistas noticiavam o início da mudança na movimentação social da cidade. Assim foi possível notar como o balizamento motivado pela estação climática

converteu-se em tema relevante para a imprensa local, principalmente pela transferência do poder político e administrativo do Rio para Petrópolis nesse período, tanto na Monarquia como nos primeiros anos da República. A leitura das edições também permitiu constatar que, ao longo do ano, o noticiário abordava temas do cotidiano, veiculando notícias que desestabilizavam a imagem de cidade pacata e moralmente elevada (pequenos furtos, brigas e adultério⁵⁷ tratados como algo excepcional); no verão, contudo, aquela imprensa se calava sobre os problemas, para veicular o discurso da cidade ideal, bela e harmônica, palco da sociedade cintilante, uma Europa “possível” nos trópicos.

Assim, pude observar como essas narrativas construíram representações de Petrópolis que culminaram por imprimir-lhe a imagem de arrabalde luxuoso, restrito à circulação social de um grupo privilegiado, rota de fuga das classes abastadas, e de que maneira orquestraram sua edificação como ícone da modernidade nacional. Ou seja, o jornalismo, como prática social, construiu o imaginário urbano, a memória e a identidade por intermédio de representações que veiculavam a voz do poder, já que nessas representações não havia a valorização de discursos desarticuladores da ordem física e simbólica. Por sua vez, a modernidade que se queria para o país, e que a cidade de Pedro confirmava, não só era representada pelas narrativas como o próprio texto se incumbia de assimilar as formas do progresso em suas entrelinhas.

Neste sentido, a transformação do verão em temporada voltada ao lazer aristocrático, registrada pelos jornais, mas tratada com especial ênfase na edição única comemorativa da *Verão em Petropolis* (com o fim do verão, os “encantadores” fechavam os salões de seus palacetes serranos e desciam a serra para dar início à temporada esfuziante (agora, de inverno) nos salões no Rio, cena de abertura do romance *A profissão de Jacques Pedreira* [1913], de João do Rio), indica uma sociedade que faz do ócio um tempo dedicado a bailes, festas e *flirts*. Uma sociedade temporária, fundada no jogo-espetáculo, de que trata Edgar Morin

⁵⁷Vale destacar, adultério feminino; nestes casos, os editorialistas dos jornais comentavam os fatos evidenciando, com tom de aprovação, o revide implacável, porém “justo”, dos maridos traídos, deixando transparecer, no texto, o apoio ao castigo dado à mulher adúltera. Notou-se também, contudo raramente, comentários críticos sobre o país, como essas linhas escritas por Gregório de Almeida na *Gazeta de Petropolis*, em 15/12/1900: “Creio que em tempo algum, neste nosso paiz, houve tanto desfalque, tanto desvio dos dinheiros publicos, como agora; de tempos em tempos, a imprensa registra, óra aqui, óra acolá, o desfalque, nos cofres publicos, de quantias avultadas, praticado por funcionários que anteriormente gozavam da maior confiança”.

(2002: 74), vivenciando as benesses da modernidade, percebendo o mundo por intermédio de aparatos tecnológicos como o automóvel (dirigido pelo irmão de Jacques Pedreira, Gastão, em sua temporada de verão na cidade serrana [RIO, 1992: 2]), o fonógrafo e a fotografia (técnicas ofertadas ao público nos anúncios publicitários da revista). Uma sociedade que valoriza códigos de diferenciação na esfera pública e os expressa pela moda (também representada nos anúncios publicitários da luxuosa *Verão em Petropolis*, bem como nos trajés apurados do elegante Jacques Pedreira, que João do Rio destaca ao longo do romance), divulgadora de bens de consumo absolutamente modernos e fomentadores da individualidade.

Em um segundo momento, as entrelinhas daquelas narrativas também descortinaram um discurso de poder, de negociação pela autoridade da fala (diga-se, negociação entre atores circunscritos a um círculo social privilegiado, que dominavam a escrita ou, ainda, detinham os meios de comunicação). Esse discurso binário, que colocava em extremos os que podiam doutrinar e os que deviam seguir doutrinas, era comandado por aqueles que almejavam posições hegemônicas no contexto social, homens-memória (NEVES, 2000).

Foi possível perceber essa disputa pelo poder da fala entre os letrados da cidade com o revezamento, entre eles, nas redações dos periódicos: vários dos nomes citados ora ocupavam cargos de editores e colaboradores (não se observou registros da função de repórter), ora atuavam como proprietários dos periódicos, individualmente ou organizados como grupo empresarial. Esses homens-memória, responsáveis por uma produção extensa de periódicos no período analisado (descrição feita ao longo do segundo capítulo), assumiram o papel de interlocutores privilegiados, articulando representações de Petrópolis que a identificaram como ícone da ruptura com o passado colonial.

Por essa mesma ótica, descortinou-se uma outra questão: como a cidade letrada, ao menos nas narrativas dos periódicos, se constituía pelo viés da exclusão, uma vez que aqueles textos não veiculavam a voz do excluído, não denunciavam mazelas, somente discursos cristalizadores de uma alegre e promissora modernidade, materializada na cidade de Pedro. Eneida Maria de Souza, ao analisar a metáfora de “cidade das letras”, criada por Angel Rama no livro de mesmo nome, ressalta de que forma o crítico uruguaio elaborou a imagem

para modelar o “processo histórico-cultural americano iniciado com a colonização” (SOUZA, 2004: 191). Continua a autora,

Uma das mais contraditórias heranças da colonização tem sido a associação direta entre escrita e poder, considerando como *letrado* [grifo da autora] todo aquele que, tomando parte do grupo de religiosos, educadores, escritores e servidores intelectuais da sociedade, “manejava a pena” (SOUZA, 2004: 191).

A associação direta entre escrita e poder indica que a ânsia de modernização e de cosmopolitismo, traduzida nas representações da cidade elaboradas pelas narrativas midiáticas, convertia os meios massivos em lugares de memória, porque propagavam “sinais de reconhecimento e de pertencimento” (NORA, 1993:13) para um grupo que não apenas cultuava o progresso, a linearidade temporal e a razão, como igualmente tornava esses ideais permanentes instrumentos de domínio e de sua perpetuação no poder.

Entendida como moderna arte da memória, a imprensa atrela a imagem de Petrópolis à identidade do grupo que frequenta seus salões, clubes, ruas e parques, executando assim o exercício de colar a identidade daquela cidade à da elite, de agregar o coletivo ao individual, segundo um projeto que seguia códigos rígidos de racionalização do comportamento e das práticas sociais. “A atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coesão interior. Ela obriga cada um a se lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade” (NORA, 1993: 18).

Por este viés, esses discursos “engessados” não promoviam ideais libertários, e sim excludentes, visto que divulgavam falas de um poder que não pensava criticamente a realidade no sentido de fomentar transformações no contexto social. Por essa ótica, se mediar é pensar a maneira como interagimos com as representações, como as recebemos em nosso cotidiano, e não apenas analisar as representações em si (FRANÇA, 2004), esses homens-memória, como mediadores, não exploraram a função utilitária da narrativa. Como salienta Marivalva Barbosa, “a escrita deve ser vista como elemento básico de construção seletiva da memória que engendra, sobretudo, a questão do poder (BARBOSA, 2000: 107).

Todavia, essa mesma mediação aproximou o homem letrado do mercado, o fez aproveitar o suporte físico dos periódicos e a dessacralização dos dogmas literários promovida pelos meios massivos para acercar-se do público e, dessa forma, transcender regras estilísticas e preconceitos. Assim, nomes como os de Lima Barreto e de João do Rio emergiram, destacando-se entre o público e o meio letrado mais pelo viés da cultura popular e da cultura de massa, que pela linha do texto literário erudito. Pois, tanto Lima como João do Rio permitiram uma aproximação do público por uma leitura próxima do romance-folhetim. Ambos exploraram a função utilitária da narrativa, no sentido de promover brechas para que o pensamento crítico aflorasse, mas pelo viés do jornalismo. Esses dois homens de imprensa e intelectuais, artífices das letras, fizeram da literatura um ofício, praticando a conflituosa aproximação entre arte e mercadoria, por compreenderem a importância do mercado e os limites borrados entre imprensa e literatura. Por este viés, torna-se compreensível que representem Petrópolis na configuração dos romances *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *A Profissão de Jacques Pedreira*.

Ainda que a cidade apareça de forma recessiva nas narrativas – no primeiro romance como tema do noticiário mundano, signo do bom tom tratado com desdenho pelo autor, e destino de uma elite arrivista; em João do Rio é cenário de abertura e de encerramento da trama, lugar de reconhecimento para os “encantadores”, onde Jacques Pedreira finalmente abraçará sua profissão (a diplomacia), depois de ensaiar outras, como explorador de mulheres, amante de senhoras casadas e ricas, traficante de influências, enfim, papéis de moço bonito, quase figurino” – ambos a utilizam para pensar criticamente o contexto em que viviam, em todos os sentidos, social, político, econômico e intelectual.

A “cidade espelho” (expressão de João do Rio para se referir ao Rio de Janeiro em sua tentativa de ser Paris, aqui utilizada para identificar a cidade de Pedro), que abriga a “gente de Petrópolis” (expressão de Lima Barreto para criticar a mesquinhez da elite nacional que circulava entre os salões de Botafogo e a cidade serrana) é revelada em representações que desnudam os bastidores de um palco forjado por ideais externos a ele. Ou seja, se as narrativas midiáticas ensejam discursos que privilegiam a cena, a imagem idealizada da cidade, a literatura descortina a obscena – expressões de Renato Cordeiro Gomes (1994), no momento em que descreve o subúrbio (*Gonzaga de Sá*) ou os lugares de práticas

escusas (*Jacques Pedreira*), das negociatas e dos adultérios dos “encantadores”, que, assim, se assemelham à “canalha”, “pela coragem dos recursos e a ausência de escrúpulos” (GOMES, 1996: 63).

Em Lima Barreto, essa vertente crítica é fruto de uma “voz apaixonada que escapa aos desígnios do bom senso e até mesmo da objetividade, porque sabe que por detrás da voz da experiência (...) está (...) o preconceito; sabe que por detrás da ciência (...) está o poder totalitário” (SANTIAGO, 1982: 156-157). Em Paulo Barreto, a fala que privilegia a crônica mundana, como a que escrevia na coluna *Pall-Mall Rio*, do jornal *O Paiz*, fica como “memória coletiva que documenta um tempo da sociedade carioca” (GOMES, 1996: 89). Conclui-se, assim, que a presença de Petrópolis (paradigma do cosmopolitismo maquiado e do progresso fragilmente apoiado em condutas frívolas, de superficialidade acelerada, ao menos no período pesquisado), em ambos os romances incrementa o debate em que identidade, memória e imaginário urbano são construídos em representações arquitetadas na arena dos relatos.

Pode-se afirmar então que, se a cidade de Pedro (reconhecida pelo elenco que ali desfilava como a mais europeia do Império [MAUAD,1997]), traduziu os anseios da elite na história de sua construção e na movimentação social de suas ruas, parques e salões, as representações construídas na mídia impressa petropolitana e na literatura veicularam, direta ou indiretamente, as vozes daquele imaginário urbano; imaginário esse regido por um modelo racional e controlador, tanto da ordem física como do emaranhado simbólico, responsável pela condução da sociedade tradicional à sociedade moderna.

Ao articularem memória e projeto individuais (VELHO, 1994), as representações de Petrópolis nas narrativas aqui analisadas (em que o documental e o ficcional estão em permanente negociação), se constituíram como imagens que criam identidades ou, ainda, como discursos que se deslocam da exaltação à crítica, declarada ou perspicaz, a respeito das estratégias de identificação e/ou diferenciação impetradas pelos agentes sociais. De fato, como salienta Armando Silva, deve-se levar em conta no estudo da cidade, arena de intervenções arquitetônicas e simbólicas, as “*imagens imaginadas* [grifo do autor] como exercícios fabulatórios em qualidade de representação de seus espaços e de suas escrituras” (SILVA, 2001: 79).

Exercícios fabulatórios, as representações de Petrópolis nas escrituras flagaram um momento peculiar da modernidade em solo nacional, exercendo um jogo que “permite reverter os planos, alternando a boca de cena com o fundo do palco” (GOMES, 1996: 34). Se, na imprensa petropolitana, essas representações privilegiaram “a boca de cena”, mantendo o silêncio sobre as mazelas em prol da construção imaginária de uma cidade ideal, moderna, utópica, racionalmente planejada com vistas ao progresso, tal qual “as praças regulares que um engenheiro desenha conforme a fantasia numa planície (DESCARTES, 1989: 30-31), na literatura revelaram “o fundo do palco”. Assim, a voz da crítica e da ironia desnudou a fantasia na serra impetrada por intermédio de negociações suspeitas, desmascarando a ardilosa, porém *chic*, elite brasileira.